

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44755>

Que mal-estar é ISSO?

What malaise is THAT?

¿Qué malestar es ESO?

Gesianni Amaral Gonçalves

Universidade do Estado de Minas Gerais

Alexandre Simões Ribeiro

Universidade do Estado de Minas Gerais

Resumo A questão do corpo e do sintoma constitui o ponto de partida da psicanálise, quando Freud ao escutar as histéricas em seu esforço de falar com o corpo funda uma *práxis*, e o ponto de retorno constante à teoria freudiana e lacaniana, mantendo a subjetividade de uma época no horizonte dos analistas que são desafiados, contemporaneamente, com tantas questões tangentes ao corpo que trazem impasses e desafios à clínica psicanalítica. Interessa-nos aqui, uma discussão sobre o sintoma analítico e o estatuto do corpo na clínica lacaniana, por meio de uma revisão de literatura de textos basilares de Freud e Lacan.

Palavras-chave: corpo, sintoma, psicanálise, clínica.



Abstract The question of the body and the symptom constitutes the starting point of psychoanalysis, when Freud, listening to the hysterics in their effort to talk to the body, founds a praxis, and the point of constant return to Freudian and Lacanian theory, maintaining the subjectivity of a time on the horizon of analysts who are challenged, contemporaneously, with so many issues related to the body that bring impasses and challenges to the psychoanalytic clinic. We are interested here in a discussion about the analytical symptom and the status of the body in the Lacanian clinic, through a literature review of basic texts by Freud and Lacan.

Keywords: body, symptom, psychoanalysis, clinic.

Resumen La cuestión del cuerpo y el síntoma constituye el punto de partida del psicoanálisis, cuando Freud, escuchando a las histéricas en su empeño por hablar con el cuerpo, funda una praxis, y el punto de constante retorno a la teoría freudiana y lacaniana, manteniendo la subjetividad de un tiempo en el horizonte de los analistas que se ven interpelados, contemporáneamente, con tantas cuestiones relacionadas con el cuerpo que traen impasses y desafíos a la clínica psicoanalítica. Nos interesa aquí una discusión sobre el síntoma analítico y el estatuto del cuerpo en la clínica lacaniana, a través de una revisión bibliográfica de textos básicos de Freud y Lacan.

Palabras clave: cuerpo, síntoma, psicoanálisis, clínica.

Recebido em 24-05-2023

Modificado em 26-08-2023

Aceito para publicação em 10-12-2023

O corpo, ele deveria deslumbrá-los mais.
(Lacan, 1972-1973)

Introdução

O corpo humano revela que nunca foi um dado puramente natural e coloca em xeque a ilusão de sua unificação ao embaralhar as dicotomias entre interioridade e exterioridade, passado e futuro, novo e velho, masculino e feminino. Por tudo isso, o corpo está se tornando cada vez mais paradoxal. Se até pouco tempo atrás eram somente sua aparência e gestos que podiam ser alterados hoje, com a biotecnologia penetrando no seu interior não mais somente para reparar funções, mas transformá-las e até mesmo criar novas funções, essa realidade se transformou. O avanço destas tecnologias capazes de alterar o corpo é um convite a imaginar qual seria a orientação de Lacan, nesses tempos que correm, a esse respeito. Julgamos que sua posição não seria muito distinta daquela apresentada no contexto da discussão, dos anos 1950, sobre o conceito da vida em função do descobrimento da estrutura de uma dupla hélice do DNA. Descoberta que deu novos rumos à ciência trazendo à cena a questão da transgênese, da genômica e da possibilidade da clonagem reprodutiva. À época, Lacan foi taxativo em afirmar que o fenômeno da vida continuava em sua essência impenetrável.

Do mesmo modo, ao abordar o lugar da psicanálise na medicina reatualizando uma crítica bastante atual ao desenvolvimento da ciência, ele afirma que apesar dos avanços científicos atingirem a eficácia em procedimentos de intervenção, no que concerne ao corpo humano, o problema continua insolúvel no nível da falha epistemo-somática. É este o ponto fundamental ao qual Lacan chamou a atenção: por mais que a ciência avance e domine técnicas de intervenções corporais sofisticadas, ela não toca na estrutura da falha existente entre a demanda e o desejo. Do mesmo modo, por mais que a cultura se modifique, seja um processo vivo e apresente novas possibilidades e impasses, ela não deixa de ser fonte de mal-estar, como apontara Freud (1929) no livro *O Mal-estar na Civilização*. Lacan (1959-1960), no seminário dedicado à ética da psicanálise, menciona essa obra como um “livro essencial”, no qual Freud realizara “a síntese de sua experiência” e discorrera sobre a tragédia da condição humana.

No âmbito da psicanálise, a temática do corpo e do sintoma está presente desde o início quando, ao escutar as histéricas, que se esforçavam em falar com o corpo, Freud lançou as bases da psicanálise. O corpo e o sintoma são assuntos abordados por Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como por autores da atualidade. Mesmo Freud tendo mencionado poucas vezes o corpo, a sua teoria é o solo fértil sobre o qual pode arvorar algum conhecimento sobre o seu estatuto na psicanálise. Com Lacan é diferente porque ele faz menção ao corpo em todo o desenvolvimento de seu ensino, chegando a dedicar um Seminário (1972-1973) à problemática que o concerne. Mas, é no texto *Joyce, o Sintoma* (1979), que ele apresenta a tese do sintoma como acontecimento de corpo, inspirado na arte do escritor James Joyce. Através da noção de gozo Lacan examina o corpo, a partir dos anos 1970, porém desde o início de seu ensino ele está presente. O

corpo surge em momentos distintos e é investigado por ângulos diversos, de acordo com a temática que o ocupava naquele momento.

Desse modo, a questão do corpo e do sintoma constitui o ponto de partida da psicanálise, quando Freud ao escutar as histéricas em seu esforço de falar com o corpo funda uma *práxis*, e o ponto de retorno constante à teoria freudiana e lacaniana, mantendo a subjetividade de uma época no horizonte dos analistas que são desafiados, contemporaneamente, com tantas questões tangentes ao corpo que trazem impasses e desafios à clínica psicanalítica. Nos interessa aqui, uma discussão sobre o sintoma analítico e suas nuances, passando por dois momentos da obra freudiana: o texto *Além do Princípio do Prazer* (1920) e *o Mal-estar na Civilização* (1929). Em seguida, objetivamos uma discussão acerca do estatuto do corpo na clínica psicanalítica.

Dado que o corpo perpassado por intervenções variadas é posto em cena na atualidade: no corpo interfaceado com tecnologias da biocibernética, no corpo remodelado da bioarte, no corpo fugaz da moda, na sedução narcísica dos corpos midiáticos, nos sintomas da cultura, no corpo como sintoma e nos sintomas do corpo. Fragmentado pelas imagens, de todos os lados vão chegando indícios de uma inquietação com o corpo, sinal que, por razões não muito claras, este se tornou palco de incerteza. O que leva à confirmação da assertiva lacaniana de que o homem não sabe o que se passa com seu corpo e à atualização da visada freudiana do corpo como fonte de mal-estar. Mas, que mal-estar é isso?

O mal-estar na cultura

Tendo como ponto de partida e inspiração o texto freudiano *O Mal-estar na Civilização* ([1929] 1980) em sua indelével atualidade, podemos presumir que certa inquietude acerca da origem do sofrimento social sacia parcialmente sua sede nas fontes freudianas que já indicavam o antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Recordemos que o título original que Freud deu a essa obra foi “*A Infelicidade na Civilização*” e que diante das dificuldades de tradução chegou a sugerir para a tradutora francesa “O desconforto do homem na civilização”. Contudo, a solução para esse impasse deu-se com o título que hoje conhecemos. Independente do nome – infelicidade, desconforto ou mal-estar – aquilo que está no cerne da elaboração freudiana, é a constatação de que a vida em sociedade é marcada pelo sofrimento. A vida é frágil e ter ciência de sua finitude é fonte de mal-estar para os seres de linguagem, contudo o peso da existência conclama a um propósito da vida.

No texto em pauta, Freud lembra que a vida humana se caracteriza pelo fato de que os objetivos do princípio de prazer, a busca do gozo máximo e a evitação da dor, não podem ser atingidos, em razão da própria “ordem do universo” (Roudinesco & Plon, 1998). Decorre daí que o homem está muito mais apto a vivenciar a infelicidade: aquela que lhe é infligida pelo sofrimento do corpo, pela hostilidade do mundo externo e pela insatisfação que lhe proporcionam as relações com os outros. Assim, como o princípio de prazer submete-se ao princípio de realidade, ao se confrontar com a cultura, o homem,

frente aos obstáculos que ela impõe, renuncia certa cota de satisfação pulsional e procura meios de atenuar o sofrimento.

Retomemos a menção que Freud fez ao escritor Theodor Fontane, ícone do realismo alemão: “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporcionamos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis” (Freud, [1929]1980:93; 94) Na esteira de suas elaborações, o psicanalista afirma que: “o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer”, concluindo que esse princípio é marcado pelo fracasso. Considerando esses aspectos é legítimo dizer que a vida em sociedade está fadada a ser fonte de conflito e mal-estar. Reiteramos a questão: que mal-estar é isso? Freud nos adverte que isso vem do corpo, da sociedade e da relação com o outro:

O sofrimento ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que destinado a decadência e à dissolução não pode nem mesmo prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; do mundo exterior, que pode voltar sua raiva contra nós com suas forças descomunais, implacáveis e destrutivas; e, finalmente das relações com outros seres humanos (Freud, [1929] 1980:32).

Ele opta por estudar o mal-estar que surge do caráter insatisfatório das relações humanas indicando que é papel da cultura, por meio das instituições que a materializam remediar essa causa de sofrimento, mas, na medida em que os remédios propostos pela cultura são coercitivos e se afiguram outros tantos limites à busca do prazer, ela também se evidencia como uma nova fonte de sofrimento. Roudinesco (1988) confere à organização social seu estatuto de compromisso precário: o homem não pode viver plenamente feliz nela, mas não consegue sobreviver sem ela. O sujeito, portanto, está preso num antagonismo: precisa dos outros, mas sonha viver afastado dessa sociedade que lhe limita as pulsões sexuais. Para tentar aplacar os sofrimentos de que esse antagonismo é fonte, a cultura se esforça por criar vínculos substitutos: laços amorosos, laços libidinais desviados de seus objetivos sexuais. Desta feita, o sujeito é o resultado do antagonismo estrutural das exigências da vida pulsional e das restrições impostas pela cultura. Todavia, o mal-estar não é um simples efeito da oposição entre a civilização e a pulsão, mas, de um vínculo paradoxal entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, entre desejar e ser desejado, entre o que marca e o que não se inscreve, entre o cheio e o vazio.

Ao indicar a felicidade como o propósito da vida do homem, Freud ([1929]1980) a situa na dependência do princípio do prazer que, embora seja o princípio dominante no funcionamento do aparelho psíquico, se encontra em desacordo com os eventos do mundo externo. Além da fragilidade de nossos próprios corpos, condenados à decadência e à dissolução e do poder superior da natureza, capaz de voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas, os nossos relacionamentos com os outros homens parece se constituir como a maior fonte de mal-estar.

Freud busca analisar a natureza do “mal-estar” com a ajuda da dualidade pulsional forjada alguns anos antes, em *Mais-além do Princípio de Prazer*, a dualidade que opõe amor e ódio, Eros e morte. Assim, a função do princípio do prazer é fazer com que se busque sempre aquilo que deve ser reencontrado, mas que não se poderá alcançar. *Das*

Ding, nesse sentido, é a causa da repetição, do retomo a esse ponto de falta, já que esse reencontro com o objeto é impossível. *Das Ding* deve ser identificado com a tendência a reencontrar que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto, esse, como sabemos é qualificado de objeto perdido.

O texto *Além do Princípio de Prazer* ([1920]1980) apresenta um lugar preciso na construção teórica freudiana dado que expande a visão do autor sobre o inconsciente lançando sobre a clínica novas ideias que possibilitam demarcar certos fenômenos até então não abordados. Trata-se de constatações clínicas referentes às neuroses traumáticas, que explicitam a repetição, via sonhos ou lembranças diurnas de episódios penosos vivenciados pelos pacientes; às brincadeiras infantis, que simulavam a ausência e presença materna, evidenciando mais a ausência e à transferência, com a repetição de vivências infantis dolorosas. Tais fenômenos possuem em comum a compulsão à repetição que não se subordina ao princípio do prazer. A esse respeito Lacan menciona:

Isso é até mesmo duplamente suspeito, já que, no fim das contas, resulta - e é assim que lemos o *Além do princípio de prazer* - em substituir a Natureza por um sujeito. Qualquer que seja a maneira com que construímos esse sujeito, ocorre haver como suporte um sujeito que sabe, Freud no caso, já que é ele quem descobre o para-além do princípio do prazer - ao passo que Freud, precisamente, coerente consigo mesmo, indica aí, no horizonte de sua experiência, um campo onde o sujeito, se ele subsiste, é incontestavelmente um sujeito que não sabe, num ponto de ignorância limite, se não absoluta. É esse o nervo da investigação freudiana (Lacan, [1959-1960]1998: 259).

Destacamos no texto *Além do Princípio de Prazer*, a presença de um funcionamento no qual mesmo na repetição de uma situação traumática é possível extrair prazer. Prazer paradoxal que provém de outra fonte, além do princípio já conhecido, podendo ser compreendido, *a posteriori*, como um modo de gozo, esse muito presente nos sintomas psíquicos que afetam o corpo evidenciando um excesso pulsional desvinculado de uma representação. Sabendo que Freud chamou o núcleo traumático do sintoma de *Além do Princípio de Prazer* ([1920]1980) e Lacan ([1975-1976]2007) o chamou de *Coisa*, depois de objeto *a*, e posteriormente de *pedaço de real*, compreendemos que esse núcleo traumático está na base da constituição dos sintomas que afetam o corpo. Passemos a eles.

O sintoma

O impacto científico do inconsciente freudiano resultaria numa concepção de sintoma histérico estreitamente articulada ao determinismo da cadeia significante e, portanto, fortemente alinhada à concepção de metáfora, de um regime de substituições no interior do qual os elementos constitutivos de uma performance corporal seriam intercambiáveis por seus pares simbólicos. O papel do corpo na montagem pulsional do sintoma histérico se adensa na experiência intelectual de Sigmund Freud e de Jacques Lacan a partir da constituição de uma gramática referida às leis do inconsciente que avança na direção da produção de saber engendrada pela transferência. O desafio

contemporâneo da psicanálise lacaniana se refere à modulação e reforma de alguns de seus esquemas de compreensão da clássica proposição do sintoma como resultante das operações significantes. Tal inflexão possibilita entrever a transição epistêmica, por assim dizer, do sintoma ao *sinthoma* explicitando que, diante de um psicanalista, o corpo não deve ser concebido e/ou tratado como unidade indivisível subordinada ao determinismo exclusivo de sua fenomenologia neurofisiológica.

Em Freud o sintoma é o retorno do recalcado, é uma formação de compromisso, fruto de uma negociação dos impasses entre as pulsões e as interdições que se impõem ao sujeito. Como formação de compromisso, no sintoma, o sujeito recupera, na forma de uma mensagem cifrada e não reconhecível, a verdade acerca de seu desejo. A noção freudiana de sintoma tornou-se mais complexa a partir da segunda tópica do aparelho psíquico, principalmente a partir de *Além do Princípio de Prazer* com a introdução da pulsão de morte, conforme mencionado acima. Desse momento em diante, o sofrimento do sintoma passou a ser visto à luz do gozo, ou seja, para além da organização narcísica regida pelo princípio do prazer.

Na obra de Lacan a concepção de sintoma também passou por modificações conforme seu ensino avançava do registro do imaginário, para o simbólico chegando ao real. Até os anos de 1950, mais condizente à primeira ideia freudiana, o sintoma era visto como uma mensagem cifrada, representando um enigma para aquele que sofre. Quando se deu o avanço para o simbólico, no contexto da célebre postulação do inconsciente estruturado como linguagem, Lacan passou a conceber o sintoma no desfiladeiro incessante de significantes articulados pelo eixo metonímico, no qual o significante age e produz efeitos de significação e pelo eixo metafórico, sempre retroativo (*après coup*). Por meio da noção do significante, Lacan explicava o caráter repetitivo do sintoma.

No momento final de sua obra e ensino, ocorre a orientação para o real e o sintoma é pensado a partir do gozo, este que não deve ser entendido como prazer, mas como uma paradoxal espécie de prazer na dor que marca o corpo. É neste contexto que surge a proposição do sintoma como acontecimento de corpo que é, simultaneamente, o choque da linguagem (*lalangue*) sobre o corpo, marcando um fato inaugural e constituinte do sujeito e algo a se reiterar sem cessar ao longo da existência, um acontecimento permanente. Nesta clínica do real proposta por Lacan, o corpo toma a cena, seja como meio de satisfação pulsional, ou como meio de expressão da dor e do sofrimento que encontra dificuldade para se manifestar em termos psíquicos.

Tendo em vista que em muitas manifestações sintomáticas da atualidade a dor desempenha um papel relevante, vale destacar a concepção masoquista, dada a ela, no texto *As Pulsões e suas Vicissitudes* ([1915]1980):

[...] a dor é muito apropriada para uma finalidade masoquista passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor (Freud, [1915]1980:149).

Compreendemos a sensação de dor, como uma condição agradável imiscuindo prazer e desprazer, como o indicativo de um mais além do princípio do prazer que possibilita os desdobramentos lacanianos a respeito do corpo e do gozo.

O *corpus* psicanalítico

O corpo não é um conceito da psicanálise e nem foi descrito de maneira sistemática por Freud, resultando na inexistência de uma teoria psicanalítica unificada sobre o assunto. Contudo, é possível verificar no conjunto de sua obra a presença constante da temática do corpo. De maneira proeminente, constatamos essa presença, no início de sua carreira quando ainda era um jovem estudante de medicina e elegera como objeto de estudo “os problemas anatômicos, tinha escolhido o estudo das atrofia e degenerações secundárias que se seguem às afecções do cérebro nas crianças” (Freud, [1886]1980: 36). Da anatomia do sistema nervoso à neurose histérica é o tema do corpo que desperta o interesse acadêmico de Freud e marca um momento de decisão em que dera as costas à neurologia e se voltara para a psicopatologia, sinalizando para um outro caminho a ser construído: a psicanálise.

As evidências das implicações da subjetividade no corpo constituem uma expressão significativa da clínica na atualidade. Autores indicam que as somatizações constituem uma das queixas mais frequentes em consultas psiquiátricas e psicológicas, indicando que as demandas clínicas atuais, em grande medida, se referem à presença de desordens corporais que parecem derivar do baixo nível de elaboração psíquica. Ao ver-se às voltas com o adoecer do corpo, a psicanálise presencia uma ampliação de seu campo clínico e, conseqüentemente, de seu campo teórico.

Freud, desde o início da constituição da psicanálise, levou em conta a expressividade do corpo, questionando frequentemente se os sintomas da histeria eram de origem psíquica ou somática. Concluiu que “todo sintoma histérico requer a participação de ambos os lados” (Freud, [1905]1980:45). É no caso Dora, que o autor desenvolve pela primeira vez a noção de complacência somática e adverte sobre a conservação do sintoma no corpo ao mencionar a difícil transposição de uma excitação puramente psíquica para o corporal:

[...] a parte somática do sintoma histérico parece ser a mais estável de substituir, enquanto a psíquica se afigura como o elemento mais variável e mais facilmente substituível. Todavia, não se deve pretender inferir dessa relação nenhuma hierarquia entre os dois elementos. Para a terapia psíquica, a parte psíquica é sempre a mais significativa (Freud, [1905]1980:57).

Destacamos a atenção para aquilo que nos interessa mais enquanto analistas, a coisa psíquica. Freud demonstrou a preocupação de se ater ao que é fornecido pelo material inconsciente a fim de avançar na construção de sua teoria, sem perder de vista as fronteiras epistemológicas que ele começava a traçar entre a psicanálise e a biologia. É com essa preocupação em mente que os desenvolvimentos ulteriores de sua obra

apresentarão a série de *Artigos sobre Metapsicologia*, da qual destacamos, para a discussão da relevância das manifestações inconscientes sobre o somático, os artigos: *Recalque* ([1915c]1980) e *O Inconsciente* ([1915b]1980).

Neste último, Freud faz críticas às concepções que buscam equacionar o psíquico com o consciente e desenvolve argumentos que buscam reiterar seu interesse prático pelo inconsciente. Este que não se resume ao conteúdo recalçado: “o alcance do inconsciente é mais amplo” (Freud, [1915b]1980:191; 1993), sugerindo que o inconsciente, mesmo na análise, jamais se mostra por completo. Nesse momento das elaborações freudianas surge a noção de latência e uma objeção: “de que essas lembranças latentes já não podem ser descritas como psíquicas, pois correspondem os resíduos de processos somáticos a partir dos quais o psíquico pode mais uma vez aflorar”. Freud contra argumenta defendendo que uma lembrança latente é inquestionavelmente um resíduo de um processo psíquico e considera que essa objeção se baseia na suposta equivalência entre o consciente e o mental. Na dúvida em saber se o estado latente deve ser concebido como estado mental consciente ou como estado físico, o psicanalista conserva a orientação já sugerida e que se mantém inalterada em sua obra: é mais adequado centrar nossa atenção naquilo que conhecemos melhor (o psíquico), e que quanto às características físicas “elas nos são totalmente inacessíveis” (Freud, [1915b]1980:193-194).

No desenvolvimento das ideias freudianas sobre o inconsciente, novamente surgem questionamentos sobre o que pertence à esfera psíquica e o que jaz no somático, indicando que essa temática sempre esteve presente em suas elaborações teóricas, talvez por serem recorrentes em seu divã. Além disso, ele deixa clara sua intenção de realizar uma apresentação metapsicológica dos processos psíquicos, descrevendo-os em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico. Com esse intuito Freud ([1915b]1980) defini a noção de inconsciente apresentando e retomando noções fundamentais tais como: recalque, catexia, libido, atemporalidade do inconsciente, princípio do prazer-desprazer, condensação, deslocamento, fantasia e tantos outros de fundamental relevância para a compreensão das patologias do corpo na clínica analítica.

Vemos, portanto, que em Freud a questão do corpo é pouco abordada como tal. Mesmo sabendo que em sua obra o corpo se introduz pelo sintoma, que perturba as suas funções, quer se trate do *soma* ou do pensamento. Na retaguarda do sintoma, Freud decifra as pulsões recalçadas mesmo não havendo postulado isso em termos de corpo. O mesmo ocorreu com o narcisismo, que Freud descobriu, fez elaborações preciosas reconhecendo nele uma das vicissitudes das pulsões. O corpo, no entanto, não faz parte de seu vocabulário. É como se fosse algo inerente: está no substrato, mas não é falado. Soler (2019), alude que a partir do estudo do corpo pulsional em Freud não seria surpreendente imaginar que ele dissesse *somatoanálise* (2019:16). Para ela desde o descobrimento do eixo das pulsões com os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* ([1905b]1980), depois, no período intermediário, com *As pulsões e suas vicissitudes* ([1915]1980) até a pulsão de morte nos anos 1920, a grande questão é saber como se associam, como se articulam entre si, os mecanismos do inconsciente, que, por um lado, são atualizados por meio da decifração, e as pulsões, que são de outra ordem.

Os destinos incertos da pulsão

Verificamos que nos aportes metapsicológicos, Freud foi levado a elaborar um modelo de funcionamento mental, buscando dar conta dos fatos psíquicos em seu conjunto, principalmente de sua vertente inconsciente. Chama atenção a referência constante às pulsões que recebera, neste momento, a definição de núcleo do inconsciente: “O núcleo do inconsciente consiste em representantes pulsionais que procuram descarregar sua catexia; isto é, consiste em impulsos carregados de desejo” (Freud, [1915b]1980:213). Aceita como conceito fundamental, a pulsão é definida em alguns momentos como o representante psíquico de impulsos somáticos e é tida como o conceito limítrofe entre essas duas instâncias: o psíquico e o somático. Sua importância, não é somente teórica, mas clínica, dado que serve de bússola na busca de aspectos importantes que possibilitem uma definição mais sistemática das patologias do corpo e o modo como a clínica analítica opera nesses casos.

Tendo a sexualidade humana como o centro do qual orbitam diversas noções fundamentais para a psicanálise, o conceito de pulsão possui lugar de destaque neste sistema. Evidenciamos a importância desse conceito, tomado por Lacan ([1964]1988) como fundamental, destacando sua participação na formação do sintoma e em sua capacidade de afetar o corpo. A ideia de sexualidade, presente na obra freudiana desde a década de 1890, consolidou-se com o estabelecimento da noção de pulsão. Por meio dos conceitos de disposição perverso-polimorfa, zona erógena, pulsão parcial e libido, a sexualidade configurou-se como porta de entrada para a compreensão da vida psíquica. Ouçamos a definição do conceito de pulsão (*trieb*) definido por Freud neste ensaio:

[...] por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente para diferenciá-lo do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico (Freud, [1905c]1980:157).

O autor desvela uma distinção entre as pulsões sexuais e pulsões de autopreservação, ligadas à satisfação de necessidades primárias. Nesse trabalho, além de definir a pulsão sexual, Freud a diferencia do instinto sexual, pois ela não se reduz a simples atividades sexuais com objetivos e objetos. Ele caracteriza a pulsão como um impulso constante do qual a libido constitui a energia. Assim, não é incorreto pensar a pulsão a partir do princípio de uma energia constante.

Em *Além do Princípio de Prazer*, Freud ([1920]1980) inaugura o termo pulsão de morte associando-o à compulsão e à repetição e diferenciando-o da pulsão de vida. Retomemos sua pena: “[...] fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões: aquelas que procuram conduzir o que é vivo à morte e, as outras, as pulsões sexuais, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida” (Freud, [1920]1980: 63). O autor mantém uma concepção dualista sobre as pulsões, antes, na primeira tópica marcada pela distinção entre as pulsões do ego e pulsões sexuais, a partir de então, já na segunda tópica, a dualidade se dá entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Freud ([1915]1980) em *A Pulsão e suas Vicissitudes* busca distinguir os estímulos pulsionais dos estímulos fisiológicos que atuam no psiquismo. Ele diz:

Em primeiro lugar, um estímulo instintual [pulsional] não surge do mundo exterior, mas de dentro do próprio organismo. Por esse motivo ele atua diferentemente sobre a mente, e diferentes ações se tornam necessárias para removê-lo [...]. Além disso, visto que ele incide não a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dele (Freud, [1915]1980:138).

O autor localiza a fonte da pulsão no corpo salientando a distinção entre a pulsão e o estímulo mental. A pulsão, como o estímulo mental, não surgiria do mundo externo, mas de dentro do próprio organismo, tendo, dessa forma, uma incidência distinta sobre a mente. Ainda sobre esse ponto, ele afirma que, ao contrário do estímulo externo, a pulsão não imprime no aparelho psíquico um impacto momentâneo, mas uma pressão constante, não havendo, por essa razão, como escapar à sua ação. Esta parece ser uma característica desse conceito que não será modificada, haja vista sua retomada pelo autor no *Esboço de Psicanálise* (1940), quando assim ele se refere às pulsões: “As forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas de *instintos* [pulsões]. Representam as exigências somáticas que são feitas à mente” (Freud, [1940]1980:173).

Freud (1915/1980) descreve a constituição da pulsão dividindo-a nas seguintes partes: *Drang* (pressão), *Ziel* (finalidade), *Objekt* (objeto) e *Quelle* (fonte). A pressão de uma pulsão está relacionada ao fator motor, ou seja, à quantidade de força ou medida de exigência de trabalho que ela representa. A finalidade de uma pulsão é sempre a satisfação, que pode ser obtida de variadas formas, inclusive, ser inibida em sua finalidade. Porém, mesmo a inibição implica uma satisfação parcial. O objeto é o meio pelo qual a pulsão pode atingir sua finalidade e constitui o que existe de mais variável. Nesse aspecto, Freud esclarece que o objeto não é necessariamente algo estranho ou exterior, mas que pode surgir como uma parte do próprio corpo do indivíduo. Finalmente, por fonte da pulsão compreende-se o processo somático que ocorre em um órgão ou parte do corpo. Assim, vemos que o objeto e a fonte da pulsão são aspectos de suma importância de serem considerados na abordagem dos sintomas que acontecem no corpo.

O corpo e a psicanálise lacaniana

Para a psicanálise lacaniana é a linguagem que constitui o corpo, derivado do significante fornecido pelo Outro e incorporado pelo sujeito que o nomeia. Por essa maneira de conceber o corpo não como um dado, mas como uma construção no *parlêtre*, a concepção lacaniana de corpo não condiz com uma submissão do sujeito ao organismo. Ao contrário, Lacan é um crítico dessa concepção haja vista para as considerações apresentadas, por exemplo, em *A Conferência de Genebra* ([1975]2015) e *O Lugar da Psicanálise na Medicina* ([1966]2002), nas quais o analista atesta a abertura provocada

pela psicanálise, qual seja, a do deslocamento de uma causalidade orgânica para uma causalidade psíquica.

Lacan ([1972-1973]1985:66) buscou uma equivalência do corpo vinculado ao gozo e ao significante, afirmando que “o significante é a causa do gozo”. Tendo essa proposição em vista, Miller (2015:99) esclarece que na teoria lacaniana existem dois efeitos do significante no corpo: “um, que é a mortificação, e o outro, que é a produção do mais-de-gozar. Se o significante mata o gozo, da mesma forma o produz”. Propõe, ainda, que o essencial “não é que o significante tenha um efeito de mortificação sobre o gozo, é que o significante é causa de gozo, é que o significante tem uma incidência de gozo sobre o corpo. É isso que Lacan chama de sintoma”. Assim, o sintoma atesta uma relação muito direta entre o significante e o gozo, sendo a própria intersecção entre corpo e linguagem. A partir da articulação entre a vertente significante e a do gozo, surgem elementos capazes de constituírem uma topologia lacaniana do corpo. Considerando a topologia no sentido de organização de determinadas categorias, optamos por esboçar o estatuto do corpo, pela perspectiva da psicanálise lacaniana, a partir da tríade por ele criada: RSI. Pensar o corpo a partir da articulação dos três registros real, simbólico e imaginário é condizente a uma episteme a partir da qual a clínica psicanalítica e a teoria que a fundamenta são abordados por Lacan em todo o seu ensino.

O tema do estatuto do corpo na psicanálise lacaniana perpassa os modos como o corpo aparece nos registros do real, do simbólico, do imaginário e no enlaçamento dessas três dimensões topológicas. Assim, temos do ponto de vista do imaginário, o corpo como imagem, do ponto de vista do simbólico, o corpo marcado pelo significante e do ponto de vista do real, o corpo articulado ao gozo. Miller (1999) esclarece que o corpo vivo é deixado no imaginário. Ele somente poderá entrar no simbólico como corpo simbolizado, ou seja, mortificado. Por sua vez, a vida e a libido encontram-se, no começo do ensino de Lacan, do lado do imaginário.

No período inicial da obra de Lacan observamos a importância por ele atribuída ao corpo enquanto imagem, como organizador primitivo da subjetividade. Ele postulou a constituição do Eu ligado à imagem do próprio corpo, nos orientando a compreender o estádio do espelho pela vertente da identificação que é em suas palavras: “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*” (Lacan, [1949] 1998:97). A identificação é, então, um primeiro conceito proposto pelo autor que estaria relacionado à *insígnia*. Trata-se, aqui, da identificação narcísica, baseada num movimento segundo o qual o eu se identifica com o ideal da imagem do outro, sendo o operador dessa identificação a *imago*. Assim, o primeiro corpo no ensino de Lacan é o corpo da imagem, aquele que é convocado no estádio do espelho. Neste período sua tese se apoia em fatos que vêm, de um lado, do mundo animal, da etologia e, de outro, da psicologia da criança, perspectiva utilizada por Françoise Dolto, para indicar uma efetividade da imagem do corpo. Ele próprio, Lacan, observa que o mundo animal nos demonstra que uma *Gestalt*, uma forma, pode ter efeitos de formação reais sobre o organismo.

A primeira explicação que Lacan dá para a pregnância narcísica neste momento do estádio do espelho é que há uma prematuração do organismo no nascimento do humano, que nasce incapaz de se sustentar sozinho. O psicanalista conclui, então, que do lado do organismo prematuro, há um mal-estar vital, originário e que este ser inacabado, não sabendo, por exemplo, se seus pés são seus pés, se suas mãos são suas mãos, este ser despedaçado em suas funções, encontra, na imagem do espelho, a unidade que falta a seu organismo. A hipótese é que a representação *Una* da forma do corpo traria o *Um* que falta ao organismo despedaçado pelo fato da prematuração. Soler (2019) alude que o *Um* da imagem, o *Um* da forma, é o precursor do *S1* que consagra, ao mesmo tempo, o hiato entre o ser real e sua representação. Nesse esquema que coloca, do lado do real, o organismo despedaçado e, do lado do imaginário, a imagem da totalidade, vê-se que a primeira ideia de Lacan foi a de atribuir ao imaginário uma função mediadora. Lacan ([1949]1998:100) afirma que é graças à imagem que se pode “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade”.

Entre 1953 e 1960, os trabalhos de Lacan revelaram uma nova perspectiva da função da imagem. Nesse momento, Lacan descreve o inconsciente estruturado como linguagem e sua pesquisa se dá em torno de como o simbólico determina o imaginário e em como o significante organiza a imagem corporal. A respeito das pulsões, nesse período, ouçamos Lacan: “Mas outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é efetivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num discurso do qual [...], o sujeito [...] não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito” (Lacan, [1960]1998:818). Na sequência de suas elaborações, Lacan indica que as pulsões funcionam no corpo como “os elementos de uma heráldica, de um brasão do corpo”. Vemos, mais uma vez, Lacan aproximando o sintoma (em seu núcleo pulsional) a algo que se inscreve no corpo e que é de difícil leitura, dado que a heráldica auxilia na descrição dos brasões que são representados por um sistema de identificação composto por figuras e desenhos. Ao desenvolver a estrutura linguageira, Lacan inverte o esquema do estádio do espelho. Onde ele colocava o despedaçamento doloroso do lado do real e a unidade pacificadora do lado da imagem, ele vem afirmar o contrário. Soler esclarece:

Do lado do real, existem as coesões funcionais do organismo – e de fato, salvo em caso de doença, o organismo tem a sua coesão funcional quase automática, de tal forma automática que se esquece de que nosso organismo funciona. É apenas a doença ou o gozo que atrai a nossa atenção. Do lado do corpo, ele coloca o despedaçamento, um corpo que manifesta um efeito, um efeito de cisalhas no funcionamento: cisalhas do pensamento do obsessivo, cisalhas que recortam a anatomia fantasística da histeria. Tudo isso é do organismo funcional, um corpo que não tem nada de animal: é o corpo sintomático (Soler, 2019:33).

Do lado do corpo, está o despedaçamento, um corpo que manifesta um efeito, um efeito de cisalhas no funcionamento: cisalhas do pensamento do obsessivo, cisalhas que recortam a anatomia fantasística da histeria. Tudo isso é do organismo funcional, um corpo que não tem nada de animal: é o corpo sintomático (Soler, 2019:33). Desse modo, o organismo marca o registro do real e o corpo despedaçado não está apenas na

representação, está nos sonhos, nas fantasias e nos sintomas. O corpo fragmentado é o corpo afetado pelas pulsões parciais, pelo despedaçamento do múltiplo, bem oposto às integrações unificadoras do instinto animal. Foi para dar conta da fragmentação sintomática e pulsional, que Lacan introduziu a tese da linguagem que opera sobre o organismo e que faz dele um corpo.

O corpo da psicanálise não é um dado da natureza (como o organismo), mas é um produto transformado pelo discurso. O organismo animal se torna um corpo sintomático e pulsional no ser falante. Havendo, então, o efeito do significante sobre o organismo, quando ele ganha as marcas da pulsão, ocorre a transformação do organismo em corpo e, por conseguinte, a possibilidade de ser afetado pelo gozo. Submetido às leis da linguagem, o corpo biológico transforma-se no corpo pulsional sinalizando para uma equação entre a linguagem e a pulsão, ou dito de outro modo, para a materialidade da linguagem. Então, na psicanálise, o corpo que deveremos conhecer seguindo o ensino de Lacan é um efeito da linguagem. Isso quer dizer que a linguagem toca o organismo, o desnatura e o modifica. Trata-se dos efeitos da corpsificação pela linguagem. Lacan utiliza este neologismo para referir-se à incidência da incorporação da linguagem sobre a libido e sobre o gozo.

Assim, à medida que transfere o valor operatório à linguagem, ele se dá conta de que não é a imagem, mas a linguagem que tem valor operatório. Ele retira o valor operatório da imagem e, assim sendo, faz da própria imagem e do investimento da imagem um efeito do simbólico. Para Lacan ([1970]2003:407), o corpo não se reduz ao campo da biologia, no qual o organismo é o sistema coordenado de tecidos e funções em sua bioquímica e fisiologia própria. Já o corpo marcado pelo significante é aquele isolado pelo simbólico, portanto, resultante da linguagem, conforme apontado pelo psicanalista: “o corpo que era habitado pela fala, que a linguagem corpsificava”. Por fim, temos a carne, assim mencionada por Lacan:

Pelo Um-a-Menos faz-se a cama para a intrusão que avança a partir da extrusão: é o próprio significante. Não é o que se dá com toda carne. Somente das que são marcadas pelo signo que a negativiza eleva-se, por se separar do corpo, as nuvens, águas superiores, de seu gozo, carregadas de raios para redistribuir corpo e carne. É uma partilha talvez menos contabilizável, mas da qual não se parece notar que a antiga sepultura figura o próprio “conjunto” a partir do qual se articula nossa lógica mais moderna. O conjunto vazio das ossadas é o elemento irreduzível pelo qual se ordenam como elementos outros, os instrumentos de gozo – colares, copos, armas: mais sub-elementos para enumerar o gozo do que para fazê-lo reingressar no corpo (Lacan, [1970]2003:407).

Há noções e elementos importantes contemplados nessa passagem, indicando conter aí uma síntese da teoria lacaniana da passagem da carne ao corpo. Vejamos como isso ocorre discernindo as partes que nos interessam para a compreensão da carne ou a função tomada como elemento significante. O um-a-menos é o traço unário que se repete, como letra suporte em cada articulação significante (Dunker, 2011). Esse autor destaca, conforme o tema freudiano, a intrusão (o que ficará dentro/prazer-intrusivo) e a extrusão (o que será expulso para fora/desprazer-extrusivo) como os dois caminhos possíveis na

formação dos sintomas. Essas duas operações, de saída e reingresso do gozo no organismo, ocorrem pelo trabalho da letra e de *lalangue*. Quanto à negativização da carne e sua redistribuição no corpo é uma alusão que Lacan faz referente a uma passagem do Curso de Linguística Geral, na qual Ferdinand Saussure (1857-1913) ilustra a separação entre significante e significado através da imagem bíblica da separação das águas. Em seguida, a negativização da carne é aproximada ao conceito de conjunto vazio, segundo a teoria de Gottlob Frege (1848-1925). Assim, a operação de separação ou negativização entre corpo e carne é dada pelo significante e a operação de contagem do gozo é feita pela formação de subconjuntos ou instrumentos de gozo.

A carne designa a separação entre simbólico e real e o isolamento do imaginário, constituindo uma zona de passagem do visível ao invisível (Dunker, 2011). Ela não é representável, nem especularizável e nem dimensional como o corpo. A carne designa tanto a interioridade exteriorizada, o espaço vazio de negativização da imagem, quanto à experiência testemunhada pela mística medieval, como exterioridade corporal. Desse modo, é o lugar de uma experiência dolorosa e gozosa, de estigma e arrebatamento, mas, sobretudo, de difícil descrição. A hipótese da carne só é possível de se verificar através de estratégias de negativização, como a deformação, a subtração e a repetição aplicadas ao corpo ou ao organismo.

No Seminário livro 23: O sintoma, Lacan ([1975-1976]2007) aborda a teoria do real e sua relação com o corpo, por meio da noção de corpo-saco. Trata-se de dizer que o corpo existe como saco de pele, vazio, fora e ao lado de seus órgãos. É uma concepção do corpo como corpo sem órgãos, corpo conjunto vazio articulado à consistência das cordas da linguagem que o atravessam em torno de um furo. Para Lacan, o corpo não está atrelado a órgãos estranhos, modularizados, mas atrelado ao sintoma. Ele define o sintoma como um acontecimento de corpo, indicando que o sintoma é o que tem consistência, embora esteja articulado ao furo do simbólico. A consistência, Lacan a faz valer a partir da corda, e acrescenta que o que lhe aparece absolutamente necessário para definir a própria ideia de linguagem é que a linguagem é o que esvazia o real, ela “come o real” (Lacan, [1975-1976]2007:31).

Em síntese, temos que o corpo no registro real é o corpo não simbolizável, não investido por significantes. É a carne viva com sua pulsação de gozo. Superfície de escrita da pulsão comportando uma exterioridade interior chamada objeto a. O corpo no registro simbólico é o corpo vazio, separado de seu gozo pela operação do significante. Esse corpo é o Outro do significante que despedaça o corpo próprio. Corpo cadáver (*corpse*) habitado por letras, marcas traços e significantes. O registro imaginário é o que dá forma e consistência de corpo ao vivente antes que se dissolva pela morte. Refere-se aos fenômenos narcísicos relativos à apropriação da própria imagem através do olhar do outro.

O corpo não todo

Sabemos que em Freud o sintoma é o retorno do recalcado. É uma formação de compromisso, fruto de uma negociação dos impasses entre as pulsões e as interdições que se impõem ao sujeito. Como formação de compromisso, no sintoma, o sujeito recupera, na forma de uma mensagem cifrada e não reconhecível, a verdade acerca de seu desejo. A noção freudiana de sintoma tornou-se mais complexa a partir da segunda tópica do aparelho psíquico, principalmente a partir de *Além do Princípio de Prazer* ([1920]1980) com a introdução da pulsão de morte. Desse momento em diante, o sofrimento do sintoma passou a ser visto à luz do gozo, ou seja, para além da organização narcísica regida pelo princípio do prazer.

Na obra de Lacan a concepção de sintoma também passou por modificações conforme seu ensino avançava do registro do imaginário, para o simbólico chegando ao real. Até os anos de 1950, mais condizente à primeira ideia freudiana, o sintoma era visto como uma mensagem cifrada, representando um enigma para aquele que sofre. Quando se deu o avanço para o simbólico, no contexto da célebre postulação do inconsciente estruturado como linguagem, Lacan passou a conceber o sintoma no desfiladeiro incessante de significantes articulados pelo eixo metonímico, no qual o significante age e produz efeitos de significação e pelo eixo metafórico, sempre retroativo (*après coup*). Por meio da noção do significante, Lacan explicava o caráter repetitivo do sintoma. No momento final de sua obra e ensino, ocorre a orientação para o real e o sintoma é pensado a partir do gozo, este que não deve ser entendido como prazer, mas como uma paradoxal espécie de prazer na dor que marca o corpo. É neste contexto que surge a proposição do sintoma como acontecimento de corpo que é simultaneamente, o choque da linguagem (*lalangue*) sobre o corpo, marcando um fato inaugural e constituinte do sujeito e também algo a se reiterar sem cessar ao longo da existência, um acontecimento permanente (Gonçalves, 2022).

Miller (2011) destaca que o sintoma em termos freudianos é satisfação substitutiva de uma pulsão se constituindo como modo de gozo, e na medida em que o gozo passa pelo corpo, a definição do sintoma como acontecimento de corpo é inevitável. Assim é possível evidenciar a distinção entre o sintoma como advento de significação (sintoma metáfora) e o sintoma como acontecimento de corpo no qual o estatuto da interpretação é mais problemático. De todo modo, o que devemos manter no horizonte é a pluralidade das incidências capazes de afetar um corpo, haja vista para a sua característica de ser marcado pela falta. Como destaca o autor:

[...] o corpo humano não é Um, que ele não é todo, que ele concerne as hiancias, pluralidades e faltas. A biologia psicanalítica demonstra a existência de um corpo duplo – de vários corpos duplos: corpo epistêmico e corpo libidinal, corpo-prazer e corpo gozo, corpo especular e corpo orgânico [...] insistimos no privilégio das hiancias do organismo (Miller, 1999:75).

Estas considerações são relevantes, pois indicam a prudência necessária que o campo psicanalítico deve ter em relação às questões que afetam o corpo. Sinalizam para o cuidado indispensável de considerar a singularidade de cada caso, de cada sujeito, de cada corpo marcado pela falta. Miller (2011) destaca que a definição do acontecimento de corpo é precisamente uma condensação e assim, o define:

De hecho, se trata siempre de acontecimientos discursivos que dejaron huellas en el cuerpo, que lo perturban y producen síntomas en, él pero solo en la medida en que el sujeto en cuestión sea apto para leer y decifrar estas marcas (Miller, 2011:373)¹.

Concluimos que a cada definição de acontecimento de corpo uma nova perspectiva se abre ampliando e favorecendo a compreensão desta obscura expressão lacaniana. Consideramos ser viável extrair aquilo que é sua essência: fragmentos de linguagem que marcam o corpo. Entretanto, há aí uma importante observação: o acontecimento de corpo só pode ser assim considerado quando o sujeito em questão esteja apto a ler e decifrar suas marcas. Caso contrário, o acontecimento de corpo, tal como o fenômeno psicossomático, corre o risco de ser transformado em um hieróglifo no deserto. É necessário, pois que o sujeito encontre os acontecimentos com os quais seus sintomas possam ser rastreados, fazendo falar o silêncios das coisas caladas por meio da reescrita de sua história narrada em uma análise.

Referências



- Dunker, C Christian I. D. (2011). “Corporeidade em psicanálise: corpo, carne e organismo”, in Ramirez, H. H. A; Assadi, T. C.; Dunker, Christian, I. L. (orgs.). *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise*. São Paulo, Annablume, pp.87-130.
- Freud, Sigmund. ([1886]1980). “Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim”, in. Freud, S. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1905]1980). “Fragmentos da análise de um caso de histeria”, in. Freud, S. *Fragmentos da análise de um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. (1905b[1980]). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in. Freud, S. *Fragmentos da análise de um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1915]1980). “As pulsões e suas vicissitudes”, in. Freud, S. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago.

¹De fato, trata-se sempre de acontecimentos discursivos que deixaram vestígios no corpo, que o perturbam e produzem sintomas nele, mas apenas na medida em que o sujeito em questão esteja apto a ler e decifrar essas marcas (tradução nossa).

- Freud, Sigmund. ([1915b]1980). “O inconsciente”, in: Freud, S. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1915c]1980). “Recalque”, in: Freud, S. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1929]1980) “O mal-estar na civilização”, in: Freud, S. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1920]1980). “Além do princípio de prazer”, in.: Freud, S. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1915]1980). “As pulsões e suas vicissitudes”, in: Freud, S. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. ([1940]1980). “Esboço de psicanálise”, in: Freud, S. *Moisés e o monoteísmo*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago.
- Gonçalves, Gesianni Amaral. (2022). *Corpo e clínica psicanalítica: teoria e prática*. Curitiba, Juruá.
- Lacan, Jacques. ([1959-1960]1988). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1964]1988). *O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1972-1973]1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1975-1976]2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1949]1988). “O estádio do espelho como formador da função do eu”, in: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1960]1988). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, in: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1979]2003). “Joyce, o sintoma” in: Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1966]2002). “O lugar da psicanálise na medicina”. *Opção lacaniana*, n. 32. Tradução de Marcus André Vieira. [Consult. 10-05-2023]. Disponível em <https://www.ebp.org.br/publicacoes/opc%CC%A7a%CC%83o-lacanianana-32/>
- Lacan, Jacques. ([1975]1989). Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, Edições Eolia, n 23, pp. 06-17.
- Lacan, Jacques. ([1970]2003). “Radiofonia”, in: Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Miller, Jacques-Alain. (1999). *Elementos de biologia lacaniana*. Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise-EBP/MG.
- Miller, Jacques-Alain. (2011). *La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós.



- Miller Jacques-Alain. (2015). *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Roudinesco, Elizabeth; Plon, Michel. (1988). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Soler, Collete. (2019). *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002*. Salvador, Ágalma.

Gesianni Amaral Gonçalves

 <https://orcid.org/0000-0001-5905-3973>
 <http://lattes.cnpq.br/5464259294427621>

Psicanalista. Pós-doutora em Processos de Subjetivação pela PUC Minas. Doutora em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Mestre em Psicologia pela PUC Minas. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: gesianni@terra.com.br

Alexandre Simões Ribeiro

 <https://orcid.org/0000-0002-1056-2053>
 <http://lattes.cnpq.br/2909288020998125>

Psicanalista. Doutor em Filosofia e Teoria Psicanalítica pela UFMG. Mestre em Filosofia e Teoria Psicanalítica pela UFMG. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: alexandresimoes@terra.com.br